



Editorial

O IVA e a mudança de ciclo económico

A questão do agravamento do IVA para 23% na restauração assumiu desde a primeira hora um carácter particularmente controverso. Ele fundamentou-se na necessidade de aumentar a receita fiscal, mas também na vontade de combater uma evasão fiscal percebida como particularmente relevante no sector. Acontece que a medida, cuja responsabilidade política foi endossada pela *troika* para o Governo português, teve outras consequências de monta.

Na realidade, este agravamento fiscal veio de mão dada com um aperto muito forte do controlo da faturação de cafés, pastelarias e restaurantes, o que, a par da passagem da taxa de 13% para 23%, produziu uma receita adicional que mais do que duplicou o valor coletado antes destas medidas. Este êxito inegável a nível fiscal, repetidamente exaltado em comunicados oficiais, vê-se seriamente embaciado pelo fecho de centenas ou mesmo de milhares de estabelecimentos de restauração em todo o País, acompanhados dos inevitáveis despedimentos. Nas casas que fecham, mas também nas que continuam abertas com um quadro de empregados reduzido. Feito o encontro do deve e haver pela comissão que analisou em pormenor o impacto das medidas, verifica-se um saldo ainda assim favorável ao Governo em 170 milhões de euros/ano.

Mas estas contas diretas deixam de lado o sinal de contração do consumo que tudo isto provocou, muito para além do sector e que agora se pretendia reverter voltando ao IVA a 13%. Ver-se-á o que o Orçamento para 2014 diz sobre a matéria, mas os sinais que vão sendo lançados são os de um possível recuo mínimo (excluindo as bebidas) e, apenas, na segunda metade do próximo ano. Isto é: a margem de manobra é quase inexistente. A prioridade para 2014 continua ser o apertar do cinto nas despesas do Estado. O que volta a desencorajar o consumo das famílias. A mudança de ciclo ainda é uma miragem.

Conflito sírio e a história

A guerra de palavras que travam hoje as grandes potências em torno do conflito sírio não só reflete os naturais interesses divergentes destas, além de clivagens regionais e religiosas no interior do islão, como deixa antever quem sairá vencedor deste conflito. Já se percebeu que Moscovo nunca abandonará o seu aliado sírio e que este, desde que não pratique nenhum ato irrefletido, tem garantida a sobrevivência do regime. Este e o país que é a Síria não voltarão a ser o que foram até março de 2011 – e, a prazo, o seu futuro estará em aberto. Mas, no curto prazo, Bachar al-Assad, a não sofrer importantes reveses militares, tem assegurado o controlo da Síria, pelo menos, nas áreas geográficas onde estão presentes as suas forças.

A real possibilidade de sobrevivência do regime de Assad, mesmo que só a prazo (como referido), revela que o jogo entre as grandes potências segue regras distintas dos restantes conflitos e que naquele existem muito reais e claras "linhas vermelhas" e que as consequências últimas são (quase) sempre evitadas. Basta olhar para a história.